

CADERNO DE RESUMOS

Seminário
PPGAS
Museu
Nacional

25 – 26.04.2024
quinta e sexta-feira

Cinco Anos Depois: a Antropologia, o PPGAS e o Museu Nacional

Local

Sala Mutiusos, Biblioteca Central
Horto Botânico, Quinta da Boa Vista

A tragédia que destruiu a nossa casa, o Museu Nacional, se inseriu em um processo de crises superpostas, marcado pela deterioração das instituições democráticas, pela agudização da vulnerabilidade das populações mais pobres, pelo agravamento da crise ambiental, pelos ataques aos movimentos populares, pelo desfinanciamento da saúde e da educação. O que aconteceu com a antropologia que fazemos? Como esse processo impactou nossos interlocutores e nossas interlocutoras? Como se transformaram os modos de produzir conhecimento e formar pesquisadores e pesquisadoras? Como favoreceram ou não a diversificação das vozes a partir das quais a nossa disciplina é fabricada? Quais foram, enfim, os engajamentos políticos que esses processos estimularam?



Programa

25–26.04.2024

Cinco Anos Depois: a Antropologia, o PPGAS e o Museu Nacional

25 de abril, quinta-feira

9:00

Recepção

9:30–10:00

Mesa de abertura

Direção Museu Nacional,
Coordenadoria do PPGAS,
Representação discente do PPGAS

10:00–13:00

Mesa I

Moderadora: Adriana Vianna

Entre autoritarismos e
pandemias: contextos,
experiências de formação
e pesquisa

Organizadores: Adriana Facina e
Antonio Carlos de Souza Lima

Vidas, dinâmicas
econômicas e desigualdades.
Uma experiência de pesquisa
coletiva no Complexo da
Maré

Organizador: Federico Nelburg

Disputas pelos usos do
passado: contribuições para
a preservação da memória
dos movimentos sociais
e dos direitos humanos

Organizador: José Sérgio Leite
Lopes

Discussão geral
Café

13:00–14:30

Almoço

14:30–17:30

Mesa II

Moderador: Edmundo Pereira

Etnologia Indígena
em Tempos de Crise e
Transformação

Organizadores: Carlos Fausto,
e Luiz Costa

Antropologia do lúdico e do
sagrado em contexto crítico:
encontros, encruzilhadas,
atravessamentos

Organizadora: Renata Menezes

Fogo e luz sobre os
monumentos: um horizonte
de debates candentes

Organizador: Edilson Pereira

Discussão geral
Café

26 de abril, sexta-feira

9:30–12:30

Mesa III

Moderador: Federico Nelburg

Fonografia, conhecimento
científico e políticas da
escuta

Organizador: Edmundo Pereira

Entre arquivos, redes,
burocracias, imagens e
afetos: pesquisar poderes
em contextos adversos

Organizadora: Adriana Vianna

A relevância da
documentação linguística
para ir além dela

Organizadora: Bruna Franchetto

12:30–13:30

Almoço

13:30–16:30

Mesa IV

Moderador: Edmundo Pereira

Problemas de gênero,
étnico-raciais e novos
arranjos das políticas
feministas

Organizadora: Maria Elvira
Díaz-Benítez

Sexo químico e a fuga
das ruas: prostituição
durante e após a COVID

Organizador: Thaddeus Blanchette

Transformações e desafios
na antropologia sobre
o campo no Brasil: das
alianças políticas às brechas
para novas presenças na
universidade

Organizador: John Comerford

Discussão geral
Confraternização

Local

Salão Multiusos
Biblioteca Central do Museu Nacional,
Horto Botânico, Quinta da Boa Vista

ppgas.museunacional.ufrj.br





MESA I – 25 de abril, 10h-13h | Moderadora: Adriana Vianna

Entre autoritarismo e pandemias: Contextos, experiências de formação e pesquisa

Organizam Adriana Facina e Antonio Carlos de Souza Lima. Com Ana Francesca Repetto Iribarne, Caio Gonçalves Dias, Cristina Gomes Julião, Leonardo Francisco de Azevedo, Lucas Odilon dos Anjos Noel da Silva, Marcelo Artur Rauber, Marcos Cristiano Zucarelli, Natália Moraes Gaspar, Liriscila Lini, Taquel Sant'Ana da Silva, Rosania Oliveira do Nascimento, Simone Eloy Amado(Terena), Taiguara de Souza Moreira e Civiane Heringer Tavares.

Nos propomos com esta contribuição pensar num triplo movimento:

- 1) A partir de diversas das nossas pesquisas, pensar o contexto brasileiro mais amplo que atravessamos nos anos de 2016 até o presente, com destaque para os anos após o incêndio do Museu Nacional e sobretudo da eleição de 2018, dos anos do governo anterior e sobretudo da Pandemia de Covid-19;
- 2) Focando nas condições reais de trabalho no Museu Nacional nestes anos, pensar sobre os cursos ministrados (seu conteúdo e forma) em especial durante o período da pandemia de COVID-19 (algumas ementas dos cursos seguem em anexo);
- 3) Pensar como foi possível construir relações de orientação e parceria intelectual neste período;
- 4) Abordar as estratégias de pesquisa desenvolvidas para trabalhos em especial com questões indígenas, socioambientais, quilombolas, migratórias, políticas, religiosas, de educação superior ...;
- 5) Ganhos e perdas do trabalho online;
- 6) Redefinições e reorientações da pesquisa.

Vidas, dinâmicas econômicas e desigualdades. Uma experiência de pesquisa coletiva no Complexo da Maré

Organiza Federico Neiburg. Com Eugênia Motta (IFCS/UFRJ e IESP/UERJ), Ananda Viana (IESP/UERJ), Brauner Cruz Junior (IESP/UERJ), Bruno Guilhermano Fernandes (PPGAS/MN), Maria Fernanda Maciel (IESP/UERJ) e Thais Lopes (PPGAS/MN.). Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia, NuCEC, www.nucec.net.

No início de 2020 uma equipe do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC) iniciou uma pesquisa coletiva em colaboração com a organização Redes da Maré. O contexto pandêmico não permitia o acesso presencial ao campo (o Complexo da Maré, na Zona Norte do Rio de Janeiro) e, assim, foi desenvolvida uma estratégia metodológica baseada em entrevistas remotas. A pesquisa se estendeu por mais de um ano, acompanhando periodicamente um grupo de mais de 50 famílias, focalizando particularmente as formas de se virar no contexto pandêmico, entre os ritmos espasmódicos dos lockdowns, as incertezas que envolviam os “auxílios emergenciais”, a ameaça da doença e as formas diferenciais em que as famílias viviam e atravessavam a crise. Dois anos depois, uma equipe menor do NuCEC, integrada pelos autores desta comunicação, iniciou uma segunda fase da pesquisa, agora de forma presencial no Complexo da Maré e intensificando a parceria com a Redes. O momento era de intenso aumento nos preços de itens básicos, como comida e gás de cozinha, o que acentuava um problema que há poucos anos parecia ter sido eliminado do nosso país: a fome tinha voltado. A Redes da Maré criou uma área de atuação orientada especificamente à insegurança alimentar e, pela primeira vez nas suas três décadas de história, teve que dirigir parte das suas atividades e recursos à assistência direta das pessoas e das famílias, distribuindo 40.000 cestas básicas mensalmente. Em diálogo com a organização, a nossa equipe orientou então a pesquisa para compreender as relações entre as dinâmicas econômicas das famílias (com atenção para as casas e as configurações de casas) e os circuitos da alimentação, não só consumida senão também em ocasiões produzida e comercializadas em pequenos negócios por nossos interlocutores, iluminando assim formas de produzir a vida coletivamente, fluxos de cuidado e de ajudas e revelando as lógicas das “pequenas diferenças” que fazem toda a diferença na produção das desigualdades entre pessoas e famílias.

Todo o desenho da pesquisa foi desde o início motivado pela crise suscitada pela pandemia e pela sua continuidade no período posterior, articulando questões econômicas (formas de obter dinheiro, dinâmicas de endividamento, uso de aplicativos, economias de plataforma, entre outras), questões vinculadas à saúde (não só ligadas a doença senão por exemplo também a despesas com tratamentos excepcionais ou permanentes) e à chamada insegurança alimentar, observando formas de obter, preparar e circular alimentos. A equipe é integrada por professores e alunos da UFRJ e da UERJ e por pesquisadoras da Redes da Maré. O objetivo desta comunicação é apresentar “a cozinha” do trabalho ainda em curso, as experimentações metodológicas que ensaiamos ao longo desses anos, os conceitos que elaboramos e os achados e as linhas principais do trabalho coletivo e colaborativo desenvolvido pela equipe.

Disputas pelos usos do passado: contribuições para a preservação da memória dos movimentos sociais e dos direitos humanos

Organiza José Sergio Leite Lopes. Com José Carlos Matos Pereira (pós-doc PPGAS/FAPERJ), Luciana Lombardo (CMV/UFRJ), Phillip Mazza (IC/Memov) e Anna Luíza Fernandes (IC/Memov).

A experiência acumulada mais remota da linha de pesquisa em que tradicionalmente me inseri, junto com outros colegas do PPGAS/MN/UFRJ, denominada “antropologia do campesinato e das classes populares”, nos habilitou a lidar com diferentes grupos sociais entre o rural e o urbano-industrial, fornecendo procedimentos comparativos e materiais como base para lidar, posteriormente, com um número maior de movimentos sociais. Os estudos com diferentes grupos sociais inseridos num processo maior de transformação social da plantation açucareira formaram a base inicial da referida linha de pesquisa, acrescida em seguida de estudos sobre a memória de trabalhadores têxteis num contexto de desindustrialização. Os materiais acumulados com essas pesquisas desde o início dos anos 70 nos fizeram ter preocupações de preservação dos dados para o possível interesse da parte de gerações futuras. Posteriormente, de 2012 em diante, uma pesquisa comparativa entre diferentes movimentos sociais procurou orientar-se pelo trabalho cumulativo com nove movimentos em suas relações com a esfera pública nos últimos anos do ciclo de expansão democrática (2013/2014) e com o estudo cruzado entre greves de metalúrgicos e canavieiros dos anos 70 em diante, fazendo a comparação pouco sistematizada entre práticas sindicais de trabalhadores do campo e operários urbano-industriais, usados como modelos experimentais para um acervo digital de materiais de pesquisa. A referida acumulação de materiais se processou também com a abertura de uma frente de pesquisas relacionando a memória dos movimentos com as consequências repressivas da ditadura militar. Estas duas frentes de pesquisa têm em comum a contribuição na construção coletiva de uma “memória subterrânea” dos movimentos sociais, em seus diferentes ciclos conjunturais de expansão democrática e de autoritarismo e repressão. Têm em comum também a intenção de fornecer instrumentos de trabalho como um acervo digital com um trabalho arquivístico contínuo (memov.org). Mais recentemente o subprojeto “Trajetórias: biografias audiovisuais de pesquisadores nos projetos coletivos iniciais do PPGAS/MN/UFRJ” surgiu como se fosse uma dobra reflexiva a respeito da trajetória de pesquisadores fundamentais para as temáticas do projeto mais amplo, e pretende registrar, em vídeo, seus percursos teóricos e empíricos, escolhas, projetos e resultados ao longo de suas carreiras. Tal subprojeto é uma das muitas iniciativas de recuperação de partes do acervo anterior do Museu Nacional, neste caso através da história oral audiovisual de um grupo circunscrito de pesquisadores. Nestes últimos anos pós-incêndio e de isolamentos decorrentes de pandemia procurou-se desenvolver um trabalho digital através de site/acervo que procura servir de instrumento organizativo para um trabalho paralelo entre pesquisa, preservação de acervos e divulgação científica.



MESA II – 25 de abril, 14:30-17:30h | Moderador: Edmundo Pereira

Etnologia indígena em tempos de crise e transformação

Organizam e Luiz Costa e Carlos Fausto. Com Luiz Paulo Bittencourt, Paulo Büll, Ana Coutinho, Isabel Oliveira e Nian Pissolati.

Nos últimos cinco anos, nossas pesquisas em etnologia indígena atravessaram crises, enfrentaram desafios inéditos, mas também viu surgirem oportunidades singulares – tudo junto e misturado. Reunimos um grupo de pesquisadores, recém-doutores e doutorandos, todos ligados ao Laboratório de Antropologia da Arte, Ritual e Memórias (LARMe), coordenado por Carlos Fausto e Luiz Costa, cujas pesquisas foram ou estão sendo desenvolvidas nesse contexto, e que ilustram as transformações da etnologia indígena em tempos de crise. O fogo do Museu, e a perda de sua coleção de cultura material indígena afetou diretamente o campo de Ana Coutinho com os os Apyawã (Tapirapé), e norteou o seu engajamento com um museu indígena administrado pelos próprios indígenas. Paulo Büll transformou seu campo entre os Parakanã, no contexto da invasão e desmatamento da TI Apyterewa incentivada pelo governo Bolsonaro, num trabalho onde a fineza etnográfica e a assessoria de uma associação indígena andam lado a lado.

Nestes tempos de desafio, encontramos também novas possibilidades etnográficas e teóricas. Luiz Paulo Bittencourt nos mostra como a tristeza de começar a fazer parte de um Museu que já queimou aumenta a responsabilidade da pesquisa etnográfica. A etnografia de Nian Pissolati entre os Nadëb, realizada com muita dificuldade e cuidado durante a pandemia, nos lembrou da importância do trabalho etnográfico de longa duração, in loco, apesar das restrições necessárias. Por fim, Maria Isabel de Oliveira da Silva, nos ensina como é fazer etnografia em casa para uma antropóloga indígena, exemplificando a presença crescente e hoje fundamental de antropólogos indígenas e o diálogo criativo e rigoroso que estes estabelecem com a disciplina.

Antropologia do lúdico e do sagrado em contexto crítico: encontros, encruzilhadas, atravessamentos.

Organiza Renata Menezes. Com Livia Reis, Mariana Ramos de Moraes, Cleonardo Maurício Jr. e Lucas Bártolo.

Esta apresentação parte do balanço das atividades do Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado - Ludens, ressaltando as iniciativas desenvolvidas em reação ao incêndio do Museu Nacional, ao crescimento da extrema-direita e à pandemia, embora as transformações que afetam nosso trabalho não se restrinjam aos últimos cinco anos.

Criado no PPGAS/MN em 2017, o Ludens surgiu em resposta ao agravamento do contexto crítico e às mudanças de largo prazo que incidem sobre nosso campo de estudos. Este, que costumava ser definido como das "festas populares", das "religiosidades populares", "da cultura popular" ou "da religião", tem sido atravessado desde ao menos as últimas décadas do século XX por dinâmicas que o tornam de difícil circunscrição. Isso nos levou a experimentar expressões mais fluidas em sua demarcação, como a antropologia "do lúdico" e "do sagrado". Portanto, não apenas a criação do laboratório, mas seu próprio nome procura ser sensível aos sinais dos tempos.

As questões elencadas assumirão maior concretude por meio de dados da pesquisa Enredamentos entre Religião e Cultura, desenvolvida em nosso laboratório, cujo objetivo é entender em que medida a reconfiguração religiosa da população brasileira impacta as representações de nação e de cultura nacional e coloca em xeque os bens culturais do país consagrados no século XX.

Embora esse processo ocorra com várias festas qualificadas de "populares", destacarei o caso das escolas de samba do Rio de Janeiro, com as quais temos trabalhado desde 2016 e que, nas últimas décadas, viveram o aumento de enredos que tomam a "intolerância religiosa" como objeto de reflexão e de denúncia.

Na pesquisa, consideramos o enredo carnavalesco como uma modalidade narrativa específica, que aciona diversas formas expressivas, como o canto, a dança, a percussão, as fantasias e alegorias, para "apresentar uma história" em cortejo. E que, ao fazê-lo, torna-se um dos espaços-tempo de produção e circulação de chaves de leitura da vida social, com novos focos de enquadramentos, como criações utópicas, simbólicas e performativas. Ou seja, uma celebração que, se não provoca a mudança imediata de uma situação, pode desestabilizá-la.

Ora como eixo principal, ora como pano de fundo, a presença da religião nos enredos permite que, através de uma fina gramática carnavalesca, sejam compostas narrativas críticas sobre o lugar do religioso no Brasil atual. Estas são sustentadas por opções estéticas capazes de produzir afetações políticas, interferindo no debate público e no imaginário social. Os desfiles não apenas veiculam versões sobre o Brasil, mas as reinterpreta, as reconstrói e as disputam.

Como resultado do encontro com a complexidade e a potência de vida do Carnaval, o Ludens está compondo uma coleção de fantasias para o Museu Nacional, em um processo que envolve práticas curatoriais dialógicas, voltadas à democratização de acervos. Evitando a reprodução de metáforas coloniais, o colecionamento é realizado considerando o direito à memória e à cidadania patrimonial (Lima Fo.) e tomando a diversidade e a pluralidade como valores centrais.

Fogo e luz sobre os monumentos: um horizonte de debates candentes

Organiza Edilson Pereira.

Os monumentos têm recebido grande atenção nos últimos anos. Embora dotados de longa história, alguns com milênios de existência, eles alcançaram novo destaque no século XXI. Converteram-se em objetos críticos nas disputas culturais em torno da memória, da história oficial e das narrativas sobre o passado de identidades nacionais, étnico-religiosas e em diáspora. Nos últimos anos, assistimos ao questionamento de inúmeros monumentos que tiveram suas funções públicas revistas.

Em sintonia com essa agitação, houve um aumento das reflexões sobre os monumentos, observando-os sob nova luz crítica, analisando não apenas sua antiguidade, conservação e persistência cultural, mas suas contestações e transformações. Monumentos em chamas, retirados de seus pedestais, derrubados ou, quando mantidos em pé, pichados e reapropriados de maneira criativa por atores interessados nas formas de fazer política por meio de intervenções estéticas. Enquanto aumentam os casos de iconoclastia em vários países, novos monumentos têm sido erigidos e, dentre os já existentes, há movimentos conservadores que tentam reanimar as ideologias que justificaram a sua ereção ou, ao contrário, observa-se a criação de contramonumentos que questionam a história oficial, em prol de pautas antirracistas e decoloniais.

É como parte desse movimento reflexivo que propomos abordar o tema religiões e (contra)monumentos. Apesar do crescente número de publicações dedicadas aos monumentos, notamos que a reflexão que interliga esse tema ao campo das religiões e formas civis de presença e contestação do religioso no espaço público segue dispersa, dificultando a inserção de estudantes e de pesquisadoras(es) não especialistas no debate. Com o intuito de estimular o interesse acadêmico no tema, apresentamos nesta comunicação uma sistematização de pontos de conexão entre os processos de (des)feitura dos monumentos, da memória, da religião, da nação, da arte e do espaço público.



MESA III – 26 de abril, 9:30-12:30h | Moderador: Federico Neiburg

Fonografia, conhecimento científico e políticas da escuta.

Organiza Edmundo Pereira. Com Daniel Wainer, Mateus Oliveira e Caio Padilha.

A fundação e definição das preocupações investigativas do Núcleo de Estudos Fonográficos (NuSon) é marcada pelo incêndio de 2018 que destruiu parte substantiva do Museu Nacional/UFRJ. Por um lado, já havia um investimento em pesquisa, cursos e orientação na etnografia e análise de processos sonoros, especialmente ligados ao colecionamento fonográfico (música, artes verbais e história oral). Por outro, o trabalho de reconstrução institucional que se colocou a partir de 2018 intensificou a aproximação entre docentes da casa, potencializando uma sinergia entre antropologia e as ciências naturais por conta de processos de investigação e formalização de questões socioambientais que se materializavam em especial no uso de gravadores na produção de conhecimento científico. Seu uso, no trabalho de campo, e posterior arquivamento de fitas, memórias e dados digitais, mobiliza antropólogos, linguistas e cientistas naturais interessados em situações ilocucionárias, musicais e bioacústicas. Nesse período, também se inicia um conjunto de orientações de pesquisa associadas a uma série de cursos (2020-2023) dedicados à questões sonoro-musicais, com atenção especial para os regimes aurais de organização, salvaguarda e criação de conhecimentos variados. Estes investimentos se materializam em algumas das pesquisas em curso voltadas para a realização de etnografias de processos sonoros através de temas como: (a) a fabricação de instrumentos musicais, (b) a produção ritual de fonogramas no trabalho de campo e em estúdio, e (c) as políticas da escuta que envolvem tanto a representação acústica do som de instrumentos musicais, quanto os valores atribuídos a certos timbres.

Neste quadro, tem se desenvolvido uma atenção crítica às imaginações musicais e sonoras euro-centradas, ao modo como representam e hierarquizam, fonograficamente, as qualidades e planos sonoros; e uma atenção etnográfica às formas e condições de produção e transmissão de repertórios variados. A comunicação objetiva apresentar parte desta agenda de pesquisa e as interlocuções que desta decorrem.

Entre arquivos, redes, burocracias, imagens e afetos: pesquisar poderes em contextos adversos

Organiza Adriana Vianna. Com Telma Bemerguy e Iréri Ceja.

Os anos recentes nos forçaram a repensar experiências de pesquisa não só em termos metodológicos, mas também éticos e afetivos. A tarefa de orientação não escapou desse intenso trabalho de revisão constante. Das muitas adversidades e aprendizados do período, gostaríamos de enfatizar os desafios de trabalhar constituindo “arquivos” de diversas naturezas – documentais, imagéticos, compostos por lives e eventos virtuais – e que foram também marcados por diferentes compromissos de proximidade e distância com interlocutores e universos pesquisados. Partindo de reflexões nascidas em pesquisas de mestrado e doutorado realizadas entre 2018 e 2023, bem como das trocas regulares estabelecidas em encontros coletivos de orientação, pretendemos tematizar vicissitudes deste processo de “fazer arquivo” e fazer-se pesquisadora/interlocutora em variadas redes e tramas administrativas, militantes, de confiança e de desconfiança.

Para além dessas reflexões mais amplas, pretendemos apresentar com mais detalhes duas pesquisas de doutorado, a de Telma Bemerguy, já defendida, e de Iréri Ceja, em fase de conclusão, que enfrentaram o desafio de pesquisar em meio a redes bolsonaristas. Em ambos os casos, os projetos originais foram “abaloados” pela ascensão de Jair Bolsonaro à presidência, sendo a partir de então confrontados com mudanças em seus campos específicos, a saber, a relação entre os grandes projetos de estradas em regiões da Amazônia brasileira e o imaginário de ordem, progresso e os projetos de direita (Bemerguy); e as complexas relações entre a política migratória voltada a pessoas vindas da Venezuela e as redes governamentais e não governamentais bolsonaristas (Ceja). Trazer em mais detalhe essas duas pesquisas acrescenta, assim, uma densidade ética e afetiva ainda mais pronunciada ao trabalho de “fazer arquivo” mencionado antes.

A relevância da documentação linguística para ir além dela

Organiza Bruna Franchetto. Com Thiago Braga Sá, Ana Paula Rodrigues e Gustavo Godoy.

O Núcleo de Pesquisas Linguísticas (NuPeLi, <http://nupeli-gela.weebly.com>), laboratório associado ao PPGAS-MN-UFRJ, apresenta, aqui, algumas de suas frentes de trabalho, resultados de desdobramentos e transformações nos últimos anos. O NuPeLi propõe uma dedicação rigorosa à importância das línguas no fazer-se dos mundos, buscando parcerias com os povos que as falam, as reivindicam e as relembram. Essas parcerias visam preservar os conhecimentos, promover a continuidade das línguas e das suas artes, e defender firmemente as terras e os locais de vida dessas populações. Mais do que projetos de pesquisa confinados exclusivamente nas lógicas da Linguística ou da Antropologia, essas iniciativas exploram, tanto por suas temáticas quanto por suas metodologias, etnografias baseadas em línguas de povos originários, num exercício de reaproximação da antropologia à linguística, e vice-versa. Assim, métodos de documentação, descrição e análise linguísticas, dirigidas a gêneros de artes verbais permitem sua aprimoração quando engajados na performance concreta da vida social, especulativa e cosmológica dos falantes das línguas estudadas, e, em contrapartida, a descrição etnográfica se enriquece com uma atenção cuidadosa a fenômenos linguísticos. Dissertações e teses produzidas por pós-graduandos indígenas contêm e revelam línguas com uma presença e abordagens extremamente originais. Nós nos limitamos, aqui, a apresentar resumidamente apenas três projetos de pesquisa. A retomada da língua akwẽ pelos Xakriabá, tratada em um dos capítulos da tese de Ana Paula Rodrigues, em andamento, é um processo comum a muitos povos que tiveram sua língua originária reprimida e silenciada e hoje são falantes de variedades regionais do português brasileiro, língua colonial. Os processos de retomada da força política, cultural e espiritual das línguas ancestrais são dinâmicas contra-colonizadoras. Cabe observar que projetos de revitalização linguística foram iniciados no âmbito do Nupeli, desde 2014.

A pesquisa sobre as akinha (narrativas) kuikuro, tema da tese de Thiago Braga Sá, procura restituir o caráter espacial da dimensão da política no Alto Xingu, articulando chefias, eventos importantes do passado, rememorados e reconstruídos pelos akinha oto (mestres da arte de narrar), e o desenvolvimento da arqueologia na região. Aposta, com isso, na possibilidade de descrever um pensamento cartográfico e historiográfico nativo essencial para o reconhecimento da integridade de seu território, seus modos de vida e transmissão de conhecimentos.

Um dos projetos de Gustavo Godoy, doutor egresso, em pleno desenvolvimento, tem como seu centro a documentação da língua ka'apor agora através de coleta extensiva da mitologia desse povo, com versões de diferentes falantes. As gravações são pensadas para documentar também os gestos, partindo do pressuposto de que os gestos são parte integral da competência e da execução linguísticas. Paralelamente, está sendo arquivado e descrito material sobre a língua de sinais ka'apor. Outro aspecto importante é a colaboração com o professor Faustino Rossi Kaapor, pesquisador do projeto que está escrevendo verbetes enciclopédicos sobre o conhecimento ka'apor. Atualmente, suas anotações digitadas já contam com mais de 200 páginas.

Por fim, os três projetos apresentados são exemplos de parcerias reais e intensas entre pesquisadores indígenas e não-indígenas, com resultados em coautoria e em autonomias locais.



MESA IV – 26 de abril, 13:30-16:30h | Moderador: Edmundo Pereira

Problemas de gênero, étnico-raciais e novos arranjos das políticas feministas

Organiza Maria Elvira Díaz-Benítez. Com Barbara Pires, Lorena Mochel, Nathalia Gonçalves e Hannah de Vasconcellos.

Esta apresentação visa expor linhas analíticas centrais nas pesquisas desenvolvidas no NuSEX, enfaticamente nos últimos cinco anos. Nos primórdios de sua formação, em 2013, este núcleo tinha como premissa a investigação das formas como gênero e sexualidade atuam como vetores de organização de relações, hierarquias e diferenças sociais. O olhar estaria pautado nas normas, isto é, tanto em modos de subversão, como nas artes da vivência entre as mesmas. Assim, nossos esforços se voltaram para analisar gênero e sexualidade no âmbito dos afetos (tendo família como um tema relevante), dos desejos, do erotismo, em situações configuráveis como violência, e no âmbito dos saberes e poderes que atuam de modo institucionalizado no exercício das regulamentações.

Cientes da importância da interseccionalidade e frente ao impacto dos feminismos negro e decolonial, enveredamos com maior profundidade nos entrecruzamentos entre gênero/sexualidade com outros marcadores sociais da diferença – raça, etnia, classe, religião e geração. A ênfase na questão racial ganhou novos ímpetus com o interesse crescente dos pesquisadores do NuSEX por outros cenários e perguntas de pesquisa, e o impacto de literatura de diversos pensadores e pensadoras negras e negros do campo da antropologia, da história, da filosofia e das artes, que passaram a integrar nosso arcabouço teórico.

Simultaneamente, os últimos cinco anos trouxeram profundas reconfigurações para interesses de pesquisa que atravessam o campo de estudos feministas, aos quais dedicamos a nossa atenção. Pensar sobre os efeitos de políticas conservadoras no plano nacional ampliou nosso escopo de atuação no enfrentamento às desigualdades de gênero, raça e sexualidade, redesenhando propostas de investigação que atravessaram diretamente trajetórias e resultados alcançados por integrantes do NuSEX. Junto às demandas que nos convocaram a refletir sobre o tempo da urgência, testar novos métodos e recalcular riscos para visibilizar nossas pesquisas, também experimentamos transformações no trabalho com categorias de análise.

Nossa dinâmica de apresentação procura mostrar diferentes fases em que as questões étnico-raciais passaram a receber análises centrais a partir de eixos como humilhação e rebaixamento em um diálogo estreito com a antropologia das emoções, perspectiva que fundamenta os trabalhos de uma geração de pesquisadores e pesquisadoras do NuSEX. Por sua vez, nesses universos, a persistência de agenciamentos de mulheres racializadas para fazer possíveis suas vidas em meio a situações de precariedade e rebaixamento não apenas evidencia caminhos etnográficos que interessam ao coletivo, mas nos obriga a esticar e a questionar nossos entendimentos sobre os feminismos e suas pautas.

A partir das etnografias que deram origem a quatro teses de doutorado defendidas entre 2020 e 2024: sobre regulações de gênero no esporte feminino de alto rendimento; mulheres pentecostais e seus Ministérios alternativos; relações entre ciganos e brancos na Catalunha na luta pela moradia; e o encontro entre mulheres negras e o movimento do Sagrado Feminino, a apresentação busca traçar um panorama das contribuições no campo de estudos sobre relações étnico-raciais em atravessamento com corpo, gênero, sexualidade, processos de Estado, religiosidades periféricas, coletividades urbanas de mulheres, gestão de territórios e populações, mobilizando um leque de possibilidades epistemológicas distintas

Sexo Químico e a Fuga das Ruas: Prostituição Durante e Após da COVID

Organiza Thaddeus Blanchette. Com Laura Rebecca Murray e Ana Paula da Silva.

Em 2019, fechamos um projeto de pesquisa e extensão junto com a University of Essex e a Royal Academy of Medicine do Reino Unido para pesquisar os impactos causados no trabalho sexual pelas políticas de exclusão e perseguição sendo empregadas pelo governo do então Presidente Jair Bolsonaro para atacar sexualidades consideradas como desviantes. Mal tinha secada a tinta nos acordos entre UFRJ e a Essex quando o mundo foi mergulhado na crise do COVID-19. Por força das circunstâncias, nossa pesquisa foi transformada para uma investigação de como os mercados sexuais comerciais do Brasil estavam sendo devastados pela nova virose e pela documentação de como as profissionais do sexo lideram com as profundas mudanças estruturais que vieram logo em seguida. No final de 2022, esse projeto foi transferido ao PPGAS do Museu Nacional.

Consolidamos de uma rede de pesquisa para produzir conhecimento transdisciplinar para trazer intervenções sustentáveis e acionáveis que desafiem as forças estruturais e culturais que se combinam para tornar as profissionais do sexo no Brasil vulneráveis à violência, discriminação, e múltiplas exclusões, e promover um ambiente que garanta lhes uma vida digna.

Essa rede abordava questões referentes a a) saúde e bem-estar sustentáveis e b) segurança, incluindo propostas para a redução da pobreza, a desigualdade, e a exclusão entre trabalhadoras sexuais do gênero feminino no Brasil. A rede adotava uma abordagem de pesquisa participativa e etnográfica centrada em colaborações com profissionais do sexo e envolvendo os órgãos institucionais e comunitários dessas profissionais. Em sua fase inicial, o projeto era estruturado em torno de uma série de entrevistas etnográficas profundas, semiestruturadas e qualitativas em com profissionais do sexo, recrutadas das principais organizações da categoria no Rio, São Paulo, Belém e Manaus.

Na segunda fase, organizaremos dez workshops virtuais com grupos de foco que engajaram com os principais desafios levantados nas entrevistas. Na terceira fase, analisemos os produtos desses grupos de foco na luz das entrevistas produzidos pelos pesquisadores, com a participação ativa dos entrevistados. Nossos dados estão sendo transformados num livro e um série de artigos que buscariam a) dimensionar os desafios atuais enfrentados pelas trabalhadoras do sexo que atuam em diferentes contextos (ao ar livre, dentro de casa, digitalmente); b) identificar as respostas e serviços de apoio disponíveis para essas trabalhadoras e como estes podem melhorar a colaboração, coordenação, e alcance das organizações das trabalhadoras do sexo; c) delinear o atual envolvimento de trabalhadoras do sexo com figuras institucionais para melhor entender as ações desses em relação às trabalhadoras do sexo; e, finalmente, d) fortalecer a capacidade de pesquisa entre as organizações que formam a rede, para permitir o desenvolvimento futuro de um projeto de pesquisa em larga escala destinado a impulsionar mudanças políticas, institucionais, e práticas para a redução da vulnerabilidade e exclusão de trabalhadoras do sexo.

Essa apresentação será um primeiro delineamento de seus resultados preliminares.

Transformações e desafios na antropologia sobre o campo no Brasil: das alianças políticas às brechas para novas presenças na universidade

Organiza John Comerford. Com Luana Braga Batista, Maria Isabel Trivilin, Marcela Centelhas, Natalia Carvalhosa e Renata Lacerda.

A nossa contribuição para o seminário pretende colocar em perspectiva os últimos cinco anos no PPGAS/MN e na antropologia sobre o campo, abordando as transformações, em um tempo mais longo, das mediações e relações constitutivas da pesquisa de campo no campo, e algumas implicações disso em termos de possibilidade de produção de conhecimento. A partir dos anos 70, talvez especialmente no PPGAS/MN, a antropologia rural e as etnografias sobre o campesinato e a plantation estão marcadas pela importância de alianças políticas constitutivas da mediação em campo, o que transformou significativamente o conhecimento aí produzido, com relação ao modo de operar de pesquisas e pesquisadores em períodos anteriores. Buscaremos a partir daí refletir sobre transformações mais recentes que vêm lentamente ocorrendo, desde os anos 2000, na relação entre a universidade e os povos e comunidades do campo, com o ingresso na formação superior e a circulação no mundo acadêmico passando a ser um horizonte possível, ainda que pouco comum, para jovens e para pensadores desses povos e comunidades. Buscaremos entender como isso vêm aos poucos incidindo sobre as mediações na produção das etnografias e sobre a formação, a pesquisa e a escrita na antropologia “rural”, inclusive no PPGAS/MN. Nessa direção, refletiremos também sobre como esse processo foi afetado pelos eventos e acontecimentos a partir de 2018, no campo, na universidade e no Museu Nacional, e quais as perspectivas atuais no PPGAS/MN. Entendemos que refletir sobre as relações postas em jogo na pesquisa no campo necessariamente nos leva a colocar em questão as próprias dinâmicas produtoras do conhecimento e, por isso, da universidade enquanto espaço produtor de transformações e, ao mesmo tempo, reproduzidor de hierarquias e violências.